

Prática docente e (des)motivação no ensino de Geografia

Ana Paula Pereira dos Santos¹; Maria Cleonice Barbosa Braga².

¹Bolsista PROBIS/UEFS, Graduando em Bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: Anna.pereira.santos@gmail.com.

²Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nicebraga08@gmail.com.

PALAVRAS CHAVE: Motivação; Prática Docente; Aprendizagem de Geografia;

INTRODUÇÃO

O interesse pela problemática desmotivação dos discentes surgiu no contexto do componente curricular Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Geografia, semestre 2011.1, da qual fiz parte, onde a quase totalidade dos estagiários se sentiu incomodada e preocupada com a aparente falta de interesse dos professores e o descaso e dispersão dos alunos durante as aulas de Geografia em diferentes campos de estágio de Feira de Santana. Segundo Pereira (1989) tal disciplina que deveria ser dinâmica, significativa e crítica, ainda é ensinada de modo desestimulante, fragmentado e desinteressante, situação apontada também por Resende, em trabalho publicado em 1989. Frente a essa realidade que vem se manifestando há décadas nas nossas escolas é que se propõe investigar a problemática no intuito de tentar compreendê-la mais aprofundadamente. A coleta de informações foi realizada a partir da visão dos sujeitos diretamente nela envolvidos, a professora da escola campo e alunos, sem desconsiderar seus condicionantes mais estruturais.

O trabalho está articulado ao projeto maior do grupo de pesquisa EDUGEO (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica): “Estágio Supervisionado e Pesquisa: possibilidades de produção de conhecimentos na licenciatura”.

A problemática ou questões de pesquisa são: Quais os motivos da desmotivação discente? Como a prática docente pode contribuir para amenizar esta situação? Como os discentes respondem a essas práticas e por quê?

METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa encontra-se apoiada nas contribuições teóricas de Lüdke e André (1986), que consideram o pesquisador como sujeito chave de uma investigação, e que como foco principal o ambiente natural e a situação que está investigando como fonte direta para coleta de dados que são, predominantemente, descritivos. Todos os dados são considerados importantes e sua análise tende a seguir um processo indutivo, ou seja, a partir do estudo de um caso se poderá entender de forma geral a desmotivação dos alunos nas escolas. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Bogdan e Biklen (*apud* Lüdke e André (1986, p. 13) apontam que, “A pesquisa qualitativa ou naturalística, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Dentre variadas formas de assumir uma pesquisa qualitativa, utilizamos o estudo de caso que conforme Lüdke e André (1986, p. 17), estuda um único caso e deve ser desenvolvido quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. As autoras esclarecem que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

A investigação teve como ponto de partida o conjunto de observações e descrições feitas durante o componente curricular Estágio Supervisionado I pela autora e pelos demais estudantes da turma de 2011.1 da Licenciatura em Geografia.¹ Além disso, foram realizadas observações consecutivas em sala de aula, no turno matutino, divididas em oito encontros no Ensino Fundamental (5ª 03) e quatro no Ensino Médio (1º 01). O objetivo dessas observações foi perceber quando ou em que momentos os alunos demonstravam estar desmotivados se essa desmotivação tinha relação com a prática de ensino da professora.

Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os alunos e a professora de Geografia da turma, cujos resultados encontram-se nesta pesquisa. Para tanto foram escolhidos três de cada série que demonstraram ser desmotivados nas aulas de Geografia durante as observações feitas. Após isto foi realizada uma entrevista com a professora de Geografia das turmas observadas. Em um outro momento da aula, foi cedido voluntariamente pela docente, um espaço informal de sua aula com os alunos do Ensino Médio para discutir a desmotivação dos mesmos frente ao ensino de Geografia, as discussões deste espaço estão referenciadas nas discussões.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Segundo Martini (1999), a desmotivação dos estudantes se constitui atualmente no principal ponto de discussão nas instituições escolares. A questão, segundo ele, vem sendo alvo da preocupação de muitos, inclusive dos professores. Na visão de Bzuneck (2001, p.13), a motivação tem importância fundamental na aprendizagem, pois os alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco, o que dificulta a formação de pessoas capacitadas para exercerem a cidadania.

Tal situação pode ser observada num colégio estadual da rede pública da cidade de Feira de Santana nas duas turmas observadas, onde foi visível o desinteresse dos alunos frente ao ensino, inclusive o de Geografia². Os entrevistados afirmaram que não gostam de estudar, mas que este é um meio necessário para “*ter um futuro melhor*”³, “*para garantir um bom emprego*”, “*ser alguém na vida*”.

Para Pozo (2002, p. 142), a motivação não depende apenas dos motivos que se possui, mas do sucesso ansiado ao se tentar conseguir algo. Assim sendo, segundo o autor, o sucesso no futuro seria motivo suficiente para que o indivíduo fosse motivado, situação que não ocorre com alunos, já que apesar de terem um objetivo para o futuro se mostram desmotivados no presente. Pelos depoimentos dos alunos percebe-se que eles entendem a escola como um espaço importante e de grande influência para seus sucessos no futuro e essa possibilidade de recompensa é o principal motivo pelo qual a frequentam.

Um dos motivos apontados pelos alunos para a falta de motivação observada durante as aulas de Geografia foi a falta de significado dos conteúdos da disciplina para as suas vidas em relação a, por exemplo, Português e Matemática. Sobre esta última disciplina um aluno, na entrevista, descreveu a importância da seguinte maneira: “*A pessoa aprende muito com Matemática; se a pessoa quiser fazer uma conta, já sabe. Se ir no mercadinho e comprar alguma coisa, se for quatro e cinquenta e tiver com dez reais vai saber o troco. Tem um significado para a vida; é útil!*” Para eles, o conhecimento escolar tem como função preparar para o mercado de trabalho, e não para conhecer e viver melhor o/no mundo. Os alunos entrevistados não veem outra importância para a disciplina fora do futuro emprego.

¹O acesso a estas informações foram conseguidas por meio das socializações ocorridas durante as aulas de Estágio I.

² Durante o Estágio Supervisionado I tive oportunidade de assistir aulas de outras disciplinas, onde a falta de motivação dos alunos também era percebida.

³As frases em itálico fazem referência a depoimento dos alunos entrevistados.

A falta de estímulo dos alunos é facilmente percebida em algumas ações do tipo: chegar às aulas sem caderno, sem livro didático, não fazer as atividades de sala de aula nem extraclasse, ficar disperso ou conversando durante as aulas, dentre outras. Frente a essas posturas é comum que a docente interrompa a explanação por diversas vezes para solicitar atenção da turma.

O ambiente da sala de aula em ambas as turmas observadas podem estar contribuindo para aumentar a desmotivação e o desinteresse dos alunos como, por exemplo, o pequeno espaço da sala de aula para a quantidade de alunos, a falta de ventilação, já que os ventiladores estão quebrados e não possui janelas, e a organização das cadeiras dos alunos na sala, muito apertadas ao ponto de parecer que os alunos estão amontoados. Deste modo os alunos se abanam a todo momento, mostram-se inquietos, estão sempre levantando desnecessariamente ou conversando assuntos que não se referem a aula, enfim este ambiente é desconfortável e neste caso influencia no “clima” da aula. Conforme aponta Bzuneck (2001) é importante diversificar o planejamento das atividades de aprendizagem, uma vez que a novidade, expressa, por exemplo, num ato simples de reorganizar a sala de aula ou escolher um outro local como o pátio, potencializam o surgimento de um novo ânimo para o trabalho.

Uma das análises iniciais que fazemos a partir dos dados obtidos com a professora é a controvérsia entre o que pensa e defende e o que pratica em sala de aula. Durante a entrevista foi possível perceber um discurso que traduz algumas características de um ensino contextualizado, humano que prepara o aluno para conhecer e participar da transformação do seu espaço.

A professora demonstrou perceber a influência da Geografia no cotidiano e a presença dela na vida dos indivíduos, afirmando buscar a superação da simples observação e descrição das informações do espaço. No entanto, ela reconhece que para os alunos a Geografia não possui a mesma importância ao não perceberem a influência da Geografia na vida deles.

A docente se mostrou, ainda, bastante preocupada com a aprendizagem dos alunos, buscando se atualizar, contextualizar os assuntos com a realidade vivenciada por eles. No entanto, as preocupações que a docente afirma possuir não foram traduzidas em ações em sala de aula no período de observação. Suas aulas foram resumidas a exposições baseadas no livro didático, prática que terminava por desmotivar os alunos.

A docente tenta adotar uma concepção socioconstrutivista de ensino segundo a qual o professor precisa acompanhar e controlar todos os resultados. Isso quer dizer avaliar a todo momento, durante as atividades do aluno, promover a auto-avaliação e/ou avaliação mútua e permanente da prática do professor e dos alunos (CAVALCANTI, 2012).

A prática docente foi outro elemento apontado pelos discentes como sendo um fator que lhes causa desmotivação. A relação professor-aluno também é uma dificuldade percebida e destacada pelos alunos. Os alunos ressaltam a importância de existir uma relação de maior proximidade, de diálogo entre eles. Por isso é necessário que ocorra a mudança em ambas as partes. Frente ao fato é inquietante indagar: Quem dará o primeiro passo e como?

Durante um espaço informal da aula cedido voluntariamente pela docente, com o interesse de compreender a desmotivação dos alunos frente ao ensino de Geografia, onde a mesma demonstrou abertura para o diálogo com os alunos afirmando para eles: “*Quero entender vocês; vocês querem alguém receptivo, que entenda vocês*”. E aproveitou o momento para explicar como é a vida dos professores quanto à pressão interna e externa: a alta carga horária, pontualidades com as anotações nas cadernetas e os prazos que devem ser cumpridos. Depois da explanação a docente fez um pedido aos alunos: “*Eu sei que isso [as condições de trabalho] não justifica o mau desenvolvimento do trabalho. O professor tem que acolher vocês. Mas tentem pensar em nossa vida, também*”. Não demorou para vir a réplica de um dos alunos a professora: “*Se coloca vocês [professores] em nosso lugar*”. Então, a docente disse: “*Se coloquem vocês em nosso!*”. Neste dialogo ficou claro a tensão existente

entre professora e alunos, onde um joga a responsabilidade de sua falta de motivação no outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que a motivação está fortemente relacionada aos condicionantes pessoais e contextuais, verificou-se que a maneira como é ensinada a Geografia de modo fragmentado, parcial e sem articulação com os conhecimentos prévios dos alunos, torna este ensino desprovido de significado para os alunos, conforme aponta Cavalcanti (2008).

Os alunos compreendem a importância da escola para seus aprendizados e acreditam que os conhecimentos aprendidos nesta instituição oferecerem oportunidades de um futuro melhor, o que na visão deles significa ter uma profissão que seja bem remunerada. Entretanto, eles não se interessam na/pelas aulas de Geografia

Neste contexto, faz-se necessário destacar o papel dos educadores em criar um ambiente mais significativo e estimulante para o envolvimento dos alunos com a aprendizagem. Grande parte do tempo na escola é destinada às tarefas que objetivam a aprendizagem. Entretanto nem toda atividade planejada e proposta atrai os alunos para executá-las.

É importante salientar que ao ser proposta uma atividade, deve ficar claro para os alunos quais são seus objetivos reais e quais os significados da sua execução para o aprimoramento de habilidades ou geração de novos conhecimentos. O docente deve utilizar estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos ao já construídos. Para isso é interessante um planejamento bem estruturado, voltado para a motivação do aluno que é fundamental no processo de aprendizagem.

A educadora demonstrou se esforçar para entender as causas da desmotivação de seus alunos. Esta atitude se refletiu em sua predisposição para ouvir os alunos, para melhorar sua prática de ensino e ainda nas propostas de mudanças que poderiam amenizar tal situação, mesmo que, às vezes, contraditórias.

REFERÊNCIAS

BZUNECK, J.A. **A motivação do aluno**: aspectos introdutórios. In: BZUNECK, J.A.; BORUCHOVITCH, E. (Orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LUDKER, M; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 1986.

MARTINI, M. L. **Atribuições de causalidade**. Crenças gerais e orientações motivacionais de crianças brasileiras. 1999. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Capinas, 1999.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **A Geografia na escola**. Perspectiva (Florianópolis), Florianópolis, v. 12, p. 09-44, 1989.

POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e mestres**: a cultura da aprendizagem. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2002. Cia Contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.p.9-31.

RESENDE, Marcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador** – caminhos para uma prática de ensino. 2ª Ed, São Paulo: Edições Loyola, 1989. (Coleção Educação Popular).